

“ARTE É FUNDAMENTAL PARA NÃO EMBRUTECERMOS E SABERMOS QUE HÁ UMA LUZ MAIS ADIANTE”

DOI: 10.5935/2177-6644.20200027



Fernanda Safira Soares Campos *
Pedro Pinto de Oliveira **

A entrevista da professora doutora Maristela Carneiro, atual coordenadora do curso de Pós-Graduação em Cultura Contemporânea (ECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), abriu a série de 2021 de entrevistas com cientistas do site de Cuiabá *pnboline.com.br*. O PNB vem realizando há três anos essas séries de entrevistas. Um espaço de jornalismo científico que busca manter uma conversação com professores e pesquisadores, em especial das áreas das ciências humanas e sociais, com ênfase na comunicação, cultura, artes e política.

Em tempos de negacionismo e ataques contra as ciências humanas e sociais como estratégias de governo de viés autoritário, o embate precisa se dar pelo que compete ao jornalismo e à ciência: o diálogo, o pensamento reflexivo. Ao falar de seus projetos e pontuar suas reflexões sobre o contexto da sociedade num site aberto de jornalismo, os cientistas fazem um contraponto importante para além das discussões com os seus pares. Não ficam restritos aos seus fóruns acadêmicos não acessados por diferentes segmentos sociais.

É a linha editorial proposta pelo *pnbonline*: abrir o espaço não-acadêmico, para a divulgação de ciência, o debate das ideias dos cientistas sobre o contexto contemporâneo e instaurar o hábito do pensamento reflexivo na interação com outros públicos. Na formulação deweyana, a democratização da ciência é a ciência comunicada. O compromisso dos cientistas de falar para além dos pares. Ao jornalismo, como prática social, cabe “tornar comum”, possível, esse diálogo necessário.

* Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder da UFMT (PPGCOM-UFMT). Email: fsafirac@gmail.com

** Jornalista, editor de comunicação, cultura e ciência do *pnbonline.com.br*. Doutor em Comunicação pela UFMG. Pós-Doutorado em Comunicação e Artes pela UBI/Portugal. Professor e pesquisador associado do Programa de Pós-Graduação de Cultura Contemporânea (ECCO) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (PPGCOM), ambos da UFMT. E-mail: ppo@terra.com.br

A professora Maristela Carneiro ressalta exatamente a importância de colocar a luz da arte e da ciência na direção do obscurantismo quando critica o “conservadorismo marcado por um pânico moral que ataca determinados grupos de pesquisa, temas e pessoas, que são vistos como perigosos ou tachados por políticas públicas conservadoras ou mesmo por governos que beiram o fascismo”. Sem contraponto na comunicação com a sociedade, esses preconceitos tornam-se perigosamente verdade única.

O *pnbonline* vem fazendo um esforço em manter aberto e com continuidade esse processo comunicativo entre os cientistas e a sociedade desde 2019, quando começamos as séries anuais de entrevistas com os pesquisadores.

Destacamos nessa linha do tempo alguns depoimentos de pesquisadores entrevistados:

Agosto de 2019 - a professora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, da Universidade de São Paulo (USP) falou sobre o seu temor em relação à onda obscurantista no país: “o povo brasileiro é excludente e intolerante, mas gosta de crer o contrário”.

Setembro de 2019 - a professora Ludmila Brandão, do ECCO/UFMT: “Eu considero que estamos em guerra. Uma guerra especialmente travada com a universidade sob as acusações de quem não consegue pensar na importância que tem a pesquisa e o conhecimento para uma sociedade. Não tem saída. Teremos que combater isso até o último dia, porque ou resistimos ou será barbárie. É preciso afirmar valores que as humanidades defendem, como direitos humanos, direitos sociais, estéticos, artísticos e principalmente zelar por aquilo que já conquistamos”.

Abril de 2020 - a professora Vera França, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): “A noção de ‘estado mínimo’ retira do Estado o controle sob algumas áreas, inclusive a saúde e o põe na mão da iniciativa privada. Mas o mercado não dá conta e por isso precisamos do Estado. Sem o SUS, os mais vulneráveis não teriam como se cuidar e isso está cada vez mais claro para a grande parte da população”

Junho de 2020 - o professor João Carlos Correia, da Universidade da Beira Interior (UBI), de Portugal, destacava os riscos futuros do trabalho remoto, vendo a possibilidade de ocorrer uma “colonização por meio da comunicação”, um processo que desmonte os acordos trabalhistas, exigindo das pessoas um tempo excessivo de dedicação ao trabalho e provocando distúrbios sociais e emocionais. “A flexibilização no trabalho pode ser o fator para uma completa desregulação das condições sociais”.

Nesses três anos de jornalismo científico, o *pnbonline.com.br* entrevistou também a professora Naine Terena de Jesus (setembro de 2019), da Faculdade Católica de Mato Grosso

(UNIFACC); os professores Mário César Leite (novembro de 2019), Teresinha Prada (dezembro de 2019) e Benedito Diélcio Moreira (abril de 2020), os três docentes e pesquisadores do ECCO/UFMT; os professores Bruno Araújo (abril de 2020), Luãn Chagas (maio de 2020), Tamires Coêlho (agosto de 2020) e Pâmela Saunders (agosto de 2020), os quatro docentes e pesquisadores do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (PPGCOM) da UFMT, e a professora Michèle Sato (maio de 2020), do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental e Arte (GPEA) da UFMT e o professor Paulo Teixeira (junho de 2020), do Departamento de Química da UFMT.

Todas as entrevistas foram realizadas pela jornalista e mestranda do PPGCOM, Safira Campos, com as exceções da entrevista com a professora Michele Sato, feita pela jornalista Suzi Bonfim, e a entrevista com o professor João Carlos Correia, a cargo do jornalista Amauri Teixeira, correspondente do PNB em Portugal.

Ao fim e ao cabo desta breve apresentação, vale destacar, na entrevista da professora Maristela Carneiro, a sua observação, a partir da política, de que “a arte não é vista pelos governos conservadores como algo relevante ou primordial” e o apelo ao sensível no mundo da vida: sem arte, estamos sujeitos a embrutecer.

Entrevista

“Arte é fundamental para não embrutecermos e sabermos que há uma luz mais adiante” - *Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Cultura Contemporânea da UFMT conversa com o PNB Online sobre o papel da cultura em momentos turbulentos como o atual.*

Maristela Carneiro é professora desde 2019 da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) e atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduada e com doutorado em História, a docente possui também mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. Ao longo dos anos na carreira acadêmica, tem se dedicado a estudar e analisar questões relacionadas a gênero, feminismo, masculinidades, pensamento decolonial, além de arte e cultura. Nesta entrevista, a pesquisadora conversa com o *PNB Online* sobre o momento de ataque à arte e à transgressão e a onda conservadora que ganhou força nos últimos anos em diversos países do mundo. Além disso, ela compartilha como encara os desafios vividos pelas universidades brasileiras e as descobertas da vida de docente.

PNB Online: Qual a relevância dos estudos sobre cultura para um país?

Maristela Carneiro: O ECCO é um Programa de estudos culturais contemporâneos, em uma linha sempre interdisciplinar. Isso favorece tanto um processo de sensibilização sobre arte e sobre poéticas, quanto uma sensibilização política. Favorece as pessoas a perceber nuances políticas com mais facilidade. O Ecco tem três pilares que são os estudos culturais, os antropológicos e de comunicação. Essas linhas de pesquisa fazem com que as pessoas se posicionem mais, conheçam mais a sua realidade, se aproximem de debates de relevância social como feminismo, movimento negro, abordagens acerca de minorias como um todo. Muitos estudos também se pautam em compreender a formação complexa que é Mato Grosso, que é o Centro-Oeste. Além de outros estados e países, já que recebemos muitos intercambistas também.

PNB Online: Sua pesquisa se volta para questões como Gênero, Feminismo e Masculinidades. Com base nisso, como você percebe que o conservadorismo atravessa o Brasil atualmente?

Maristela Carneiro: Esse conservadorismo é marcado por um pânico moral que ataca determinados grupos de pesquisa, temas e pessoas, que são vistos como perigosos ou tachados por políticas públicas conservadoras ou mesmo por governos que beiram o fascismo. Esses ataques partem dessa visão de mundo que diz que as pessoas precisam ser iguais, obedientes e que não devem questionar os seus lugares. Tudo isso numa noção de política muito deturpada que acaba criando mais marginalidade, mais vulnerabilidade. Os estudos de gênero, por exemplo, questionam isso e propõem um debate que parte de um viés de construção social, cultural e relacional. Estudar gênero é pensar em como é a sociedade, como chegamos até aqui e o que nós podemos fazer para melhorar e caminhar para uma noção mais completa de justiça social e empatia.

PNB Online: Você considera que o povo brasileiro se aproximou de um discurso de ataques nos últimos anos?

Maristela Carneiro: Sem dúvidas. Nós vemos um crescimento desses discursos conservadores não apenas no Brasil, mas por toda a América Latina, nos Estados Unidos, na Europa. Nós vemos uma onda cada vez maior que acaba fazendo mais eco em países que já têm uma democracia fragilizada e que vêm de crises econômicas, como é o caso do Brasil. Há um processo de fortalecimento de políticas repressoras, de militarização da política, e isso não acontece apenas no Brasil, mas temos a impressão que estamos com um cenário pior que em outros momentos e lugares.

PNB Online: Qual o papel da arte e da transgressão em momentos como este de pandemia?

Maristela Carneiro: Há uma frase do Ferreira Gullar que fala que ‘A arte existe porque a vida não basta’. E é nesse sentido. A arte não é vista pelos governos conservadores como algo relevante ou primordial. Mas, por exemplo, o que as pessoas fazem em um momento de pandemia? As pessoas assistem a séries, novelas, leem mais. Nós vemos que nesse momento muitos acabam se apegando a produtos artísticos, culturais e midiáticos. Boa parte dessas linguagens e poéticas questionam os lugares estabelecidos, questionam quem tem mais a oportunidade de usar a voz e quem não tem. A arte mais do que nunca é fundamental para nós não nos desensibilizarmos. Para que a gente não se embruteça e consiga perceber que existe uma luz mais adiante e que nós podemos sim fazer melhor e construir mais justiça social e ter o respeito à diversidade. Precisamos acreditar nisso, porque se não a gente desiste e entrega o mundo aos terraplanistas (risos).

PNB Online: Como as universidades devem atuar neste momento de ataque à ciência e às instituições?

Maristela Carneiro: A noção de universidade pública é que seja uma instituição que priorize ensino, pesquisa e extensão. A universidade não sobrevive só do ensino, porque ela se torna elitizada e distanciada da sociedade. Ela precisa dos outros dois pilares. Dessa forma, se criam pontes entre a universidade e a sociedade, já que a universidade se coloca a serviço das pessoas diretamente, conforme as demandas de cada espaço e comunidade. Hoje, nós não conseguimos imaginar Cuiabá sem a UFMT, porque a universidade é fundamental para tensionar os poderes estabelecidos e para a construção da própria noção de cidade e do que pertence a ela. A UFMT questiona e constrói uma Cuiabá mais plural, acolhedora e democrática, mesmo com todas as dificuldades.

PNB Online: O que há de mais marcante em ser uma professora universitária até aqui?

Maristela Carneiro: Eu acho sensacional a oportunidade de ter sido aprovada no concurso nesse momento, que é de obscurantismo. A crise não é apenas pandêmica e em 2020, é uma crise que se agrava com a pandemia, mas é anterior a ela. Então temos visto cada vez menos concursos, a quantidade de vagas diminuindo, professores se aposentam e as vagas não são repostas. Ser concursada, empossada e ter a oportunidade de trabalhar num programa interdisciplinar, em um

departamento de arte, é único e muito marcante. Apenas o fato de estar na UFMT, fazer parte do ECCO, em particular da coordenação do Programa, é uma aventura. É um presente que se expande mais e mais.

Recebido em: 18 de março de 2021.

Aprovado em: 19 de março de 2021.